



RESENHA CRÍTICA: A ECONOMIA SOLIDÁRIA E OS DESAFIOS GLOBAIS DO TRABALHO

Daniele Costa da Silva¹

SOUZA, André Ricaro; ZANIN, Maria (Orgs). **A Economia Solidária e os Desafios Globais do Trabalho**. São Paulo: EdUFSCAR, 2017.266 pp.

A publicação em apreço é resultado de pesquisas e reflexões sobre algo que mobiliza sujeitos sociais nos mais diversos recantos e territórios, sob as mais distintas experiências, qual seja, a Economia Solidária. Tema este que não configura somente um objeto de pesquisa, mas práticas, experiências, disputas políticas e simbólicas, e, especialmente, uma militância. Logo, nem de longe diz respeito a um consenso.

Economia solidária relaciona-se a uma ampla gama de experiências e processos heterogêneos de organização coletiva, tais como feiras, encontros, debates, reuniões, mobilizações que envolvem não apenas entidades de produtores rurais, mas representantes de órgãos públicos, universidades, movimentos sociais diversos, sindicatos de trabalhadores rurais. Juntos, pensam, realizam e falam sobre economia solidária, a qual surge sempre diversa em cada fala, em cada ação.

Cabe destacar que no caso do Brasil, a política de economia solidária esteve sob a coordenação da Secretaria Nacional de Economia Solidária – SENAES. Porém, no atual governo, empossado em 1º de janeiro de 2019, a Secretaria foi desmembrada e desvinculada do Ministério do Trabalho, o qual foi extinto. Logo, o contexto abordado no livro passa, atualmente, por profundas mudanças.

Vê-se, portanto, que estamos diante de algo complexo. Não parece pronto, definido, delimitado, mas uma busca, um desejo, um horizonte em construção. Algo pensado, refletido, objeto e sujeito de políticas públicas, algo que transcende a realidade brasileira, o que Paul Singer define como “um movimento mundial”.

Sob esse prisma, temos no livro, 21 textos de pesquisadores do tema, divididos em sete partes: Abordagens e perspectivas internacionais; Formação e produção de conhecimento em economia solidária; Autogestão; Políticas Públicas; Desenvolvimento territorial; Saúde,

¹ Professora Adjunta da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA
<https://orcid.org/0000-0002-6128-3273>



qualidade de vida e inserção social pelo trabalho e Questões de gênero e cooperativismo. Os pesquisadores se reúnem na Associação Brasileira de Pesquisadores de Economia Solidária. A coletânea que originou a presente publicação é resultado do I Congresso de Pesquisadores de Economia Solidária, ocorrido em junho de 2015, em São Carlos, cujo eixo de discussão central foi o trabalho. E esse não foi um tema fortuito ou casual, visto que a economia solidária se relaciona, diretamente, com a questão do trabalho, com as crises do sistema capitalista, com as alternativas criadas para superar, viver, resistir, produzir, comercializar, efetivar trocas, quando tudo o mais é desesperança. Essa, a ideia presente no texto de abertura, permeia praticamente todo o livro, seja nos relatos e discussões de experiências ocorridas no Brasil, seja para pensar a Bolívia, o Equador, a Venezuela. Seja, ainda, como proposta de políticas sob a ótica da economia solidária, cuja intencionalidade residia em forjar um marco regulatório que legitimasse, ou melhor, institucionalizasse a economia solidária como política pública, de acordo com pesquisa de Joannes Paulus, contida nesta coletânea. A Economia Solidária envolve um marco regulatório, haja vista que o direito, para além de um ordenamento jurídico, é luta. Uma luta permanente e que transcende a consecução normativa, tendo em conta que a lei é condição, mas não elemento suficiente para garantir a democracia ou a efetivação da economia solidária, como ademais ocorre nas políticas públicas, especialmente no caso brasileiro. Implica, pois, relação com o Estado.

Como se pode perceber, são muitas as chaves de leitura, do livro e da temática. Observa-se nos textos e pesquisas apresentados, diferentes percepções e enfoques. Mesmo porque as orientações teórico-metodológicas recobrem um vasto espectro, assim como abordagens de áreas diversas da ciência. Inclui desde processos produtivos, ou Empreendimentos Econômicos Solidários, ao registro analítico das lutas políticas, da inserção no mundo do trabalho diante da crise e do desemprego, quando parcelas significativas da população são simplesmente descartadas, como refugio, ou consequência “natural” do processo econômico. Daí, sociedade, cultura e política se interseccionam sob uma ideia diferente de economia; ideia esta que não cabe nos preceitos da economia ortodoxa, ainda que com ela estabeleça relações. Ideia que permeia formas de produzir, distribuir e consumir que vislumbram sustentabilidade, saúde, ou, sob a ótica latino-americana, *vivir bien* ou *bien vivir*. A realidade, segundo alguns dos autores, não se limita ao que existe, mas revela potencialidades, fissuras. Cabe então analisá-las e percebê-las nas suas idiossincrasias, na materialidade dos seus contextos de efetivação, seus limites e possibilidades, que podem não corresponder às idealizações construídas ao sabor da



luta política, mas que não deixam de ser relevantes, especialmente para novas análises e pesquisas.

Vista ao mesmo tempo como fenômeno econômico, conceito acadêmico e processo político que visa construir práticas e referenciais em oposição à economia ortodoxa, a economia solidária também dialoga com o mercado capitalista, numa relação nem sempre reconhecida ou aceita por muitos dos que labutam teórica e politicamente com a temática. Daí, há momentos de tensão no próprio livro, críticas às análises que não reconhecem essa relação ambígua e complexa. O utopismo e a análise contagiada pela militância, que leva a confundir o debate “teórico-conceitual com censura e ‘patrulhamento’ do pensamento” (p. 106), segundo Ana Lucia Cortegoso, estão presentes no texto. Aspecto que diz respeito a todos nós e que não deve ser pensado sob a égide de uma falsa e irrealizável neutralidade científica. Esta foi, dentre outras, uma questão inquietante produzida pela leitura, dado o caráter idealizado de algumas abordagens, o qual pareceu distante da realidade de mulheres e homens concretos, ainda que se saiba que este não sintetize, nem represente o muito do que se acolhe sob a perspectiva da economia solidária, conforme revelam as pesquisas e estudos do livro.

Como ponto final, sugiro que o livro vale a leitura, pelo que traz de enfoques analíticos, possibilidades e desafios. Diante de um contexto no qual a teleologia perdeu o brilho, ou seja, no qual não há caminhos prévios, as propostas sob o grande guarda-chuva da economia solidária soam como alternativas inspiradoras, inscritas nas resoluções coletivas, forjadas por grupos e comunidades, os quais permitem pensar fora da ortodoxia, seja do Estado, seja da Economia, seja do pensamento, e trazem, para muitos, um sopro leve de esperança.